

O ex-presidente José Sarney era só emoção na bela homenagem que recebeu da Fiema por ter conduzido, há 40 anos, a redemocratização no Brasil



Os bons tempos da Boate Genesis foram lembrados com uma noite mágica



João Marcelo Sá e Milena Adler fazem moldura para Diógenes Nascimento e Carla

O ex-presidente José Sarney ganhou bela homenagem dos industriais na Fiema

PAG 4, 5 e 6

PAG 7

Reprodução



HABEMUS PAPA

A fumaça branca emitida pela chaminé da Capela Sistina, no Vaticano, na última quinta-feira (8/5), e o badalar dos sinos anunciaram que a igreja católica ganhou um novo Papa: o Cardeal norte-americano Robert Francis Prevost que, agora, é o 267º pontífice escolheu o nome de Leão XIV

PÁG. 3

Na minha infância em Presidente Dutra, se o sino tocava, era domingo. Se chegava o leite na porta, o litro coroado por uma tampa verde laminada, era sábado. Se a fumaça dos braseiros de assar carnes visitava, reciprocamente, os quintais vizinhos, era domingo. Se havia aula no grupo escolar um meio expediente, das 8 às 10h, era o único momento chato do sábado.

Aos domingos, em algum lugar do meu inconsciente, há um som que caracteriza o dia e a época. O rádio alto do vizinho. Jogo de futebol, antigamente, era domingo. Hoje pode ser qualquer dia, até a segunda-feira.

Irradiação de futebol é "ópera" associada ao domingo. Aquele "ritmo" de uma narrativa crescente, o time partindo para o ataque, preparando a armadilha para o tiro final - e o grito prolongado de "gooooo!!!", o locutor maltratando a goela até cansar. Há, também, o barulho da torcida, entre chiado e estática - e sons que chegam pelo reboco das paredes, provavelmente da "eletrola do vizinho".

Eletrola. Móvel de madeira, sobre pés finos como palitos. Uma caixa para abrigar o prato, sobre o qual se assentam os discos negros.

Da minha infância emanam sons misturados, rádio e eletrola. Gritos e atabaques. Canções melosas, boleros, cantoras "velhas" - Dal-

OS SONS DO DOMINGO

fazem uma alegre sinfonia como se fosse o cantocho de uma antiga seita

va de Oliveira, Isaura Garcia, Nora Ney, Linda Batista, Elizeth Cardoso, Aracy de Almeida, Marlene, Carminha Mascarenhas. E canções antigas: Babaloo, Kalu, Risque, Jezebel, Quizás, Malagueña, La Vie en Rose...

Uma tia solteirona ajeita o vinil de um "Francisco Alves", cuja peça de resistência era o dolente samba-canção de Silvino Neto, o título já significava uma "ópera" lacrimosa:

- Adeus, cinco letras que choram...

O domingo tem sons que os outros dias não imitam. É um som inconfundível, que mistura frigideira com churrasqueira, "comida" com "futebol".

E comida lá tem som? Uma pizza, antes de chegar à mesa, obriga-se ao acompanha-

mento de Oh Sole Mio ou Io Che Amo Solo a Te? E que música acompanharia a onomatopeia de um ovo frito?

Se o domingo não é assim tão propício a pizzas, certamente é o dia da galinha ao molho pardo ou da torta de camarão da "mamãe", de um camarão ao alho e óleo da barraca de praia, de um arroz de cuxá com peixe frito...

Se há liturgias a se cumprir num domingo, a primeira delas é a de tornar o dia compatível com os seus sons. Num domingo, tilintam, em alguma paróquia, as campainhas da consagração, enquanto do altar se espalha o cheiro do incenso. Dentro de sua solene estola, um padre eleva a hóstia à reverência dos fiéis:

- Dominus vobiscum...

Há sons bem mais profanos. Em alguma outra sacristia, o som é o da descompressão de uma tampa de cerveja, ou da "chapinha" do líquido enlatado - e o som de ambos os movimentos é um dos mais repetidos do domingo. Segue-se outro som, ainda mais característico: o do entorno da cerveja, ganhando volume no copo, em espasmos de espuma. Não chega a ser o "chuaáá" das propagandas, mas tem, sim, algo de sibilino, como os guizos de uma cascavel.

Até o início da tarde, mudam os sons: há o som da picanha, estalando em sua pele de sal grosso. O da costela, pingando gorduras sobre a brasa incandescente. E se não for o som do churrasquinho, há de ser o de outras comidas - provenham dos vapores de um panelão ou do frenético pipocar de frituras, boiando em óleos. Som de batata frita, por exemplo. Dizem que inventadas por um agrônomo francês do século 18, Auguste Parmentier. Será verdade?

No meio da tarde, infestam o ambiente os sons da mais reverenciada das missas dominicais: a do futebol.

Missa que requer mais cerveja do que o vinho das sacristias - e, claro, dispensa o sacro de pipoca...

GASTRONOMIA



O renomado chef Henrique Leis começou sua carreira no mundo da gastronomia como garçom do Restaurante BEM, em São Luís

Um maranhense que brilha em Portugal

Na Estrada de Vale Formoso 8100-267 Loulé, em Portugal, um maranhense faz sucesso há mais de três décadas na alta gastronomia. Trata-se de Henrique Leis. O restaurante homônimo deste nosso conterrâneo, fica em Al Mancil a fugir do mar e a caminho da serra. Neste Algarve elegante, com um ambiente um pouco datado, Henrique Leis faz sucesso com a sua cozinha contemporânea e sem nostalgia. Pratos elegantes, cheios de cor – a invocar as suas origens –, criados com técnicas antigas e modernas, mas usadas sem pretensões nem folclores, o que mostra grande respeito pelo produto usado.

Henrique Leis iniciou sua carreira na gastronomia trabalhando na equipe montada por este Repórter PH para fazer funcionar em grande estilo, no começo dos anos 70 do século passado, o antigo restaurante BEM, no rooftop do Edifício BEM, quando o prédio da Rua do Egito era a sede do Banco do Estado do Maranhão e o restaurante passou ao comando da CAPOF (Caixa de Aposentadoria do Banco do Estado do Maranhão).

Mas foi durante a sua formação no Rio de Janeiro, com Paul Bocuse, que Henrique Leis mergulhou a fundo no mundo da grande cozinha. Mais tarde foi para a Europa, onde trabalhou com os mais famosos nomes da culinária francesa. Depois de trabalhar na Alemanha e na Itália, mudou-se para Al Mancil, em Portugal.

Henrique Leis faz uma cozinha de grande rigor formal, muito requintada e fundada nos produtos locais que conhece há mais de três décadas.

O restaurante é uma casa e negócio familiar situado perto de Loulé, no Algarve, com uma deslumbrante vista para o mar, fundado por Henrique Leis e Maria Rafael. A casa oferece uma cozinha internacional que combina bases clássicas francesas e sabores locais, tudo com um toque pessoal e moderno que reflete sua paixão pela gastronomia. Cada prato é elaborado com atenção aos detalhes e um profundo respeito pelos ingredientes, proporcionando uma experiência culinária única num ambiente acolhedor e autêntico.

Amigos do PH que há poucos dias visitaram o restaurante contam que o local dispõe de duas salas, uma de inverno, com cores quentes e lareira, e outra de verão, com cores vivas e frescas que se estendem até ao exterior, onde se encontra a varanda, sob um manto de estrelas, rodeada por recantos florais e uma vista espetacular sobre o Atlântico.

Depois de ter passado por todos os

setores dos bons restaurantes foi na cozinha que Henrique Leis encontrou a sua verdadeira vocação. Tudo começou com a consultora gastronômica Margarida Nogueira, por quem nutre profunda gratidão, pois foi a primeira a lhe oferecer, em 1982, a oportunidade de trabalhar como chefe de cozinha no seu restaurante “Bem Feito”, no Rio de Janeiro. Desde então teve a oportunidade de trabalhar com os melhores chefes europeus, como Paul Bocuse, Pierre Troisgros, Guy Savoy, Gaston Lenôtre e Pierre Gagnaire.

Henrique Leis passou pela Itália, Alemanha e outros países, mas foi em Portugal, no Algarve, que ele realizou o seu grande sonho de abrir o próprio restaurante. No ano 2000 foi agraciado com a consagração máxima para um chefe de cozinha, recebendo uma estrela no guia Michelin. Desde então, tem mantido a excelência da sua cozinha, marcadamente pessoal e com profundas raízes francesas, garantindo a estrela Michelin por 19 anos consecutivos.

O chef maranhense leva muito a sério a sua profissão. Com uma pequena equipe a apoiá-lo, chefia uma das cozinhas simultaneamente mais criativas e sólidas, em cujos pratos se reconhece a matriz da “nouvelle cuisine”, mas cuja confecção não parou no tempo, nem revela insensibilidade às aquisições da modernidade.

O restaurante só serve jantares e começa por impressionar sua clientela com um cardápio (ou ementa) com nove entradas; seis pratos de peixes e mariscos (“a nossa seleção de peixes em função da lota diária”); seis pratos de “carnes-aves”; sete sobremesas doces e um prato de queijos variados; um “menu-degustação”, com oito itens; e ainda “um especial do dia”, como “lavagante e lombo de pregado com trufas e raviólis de espargos”. De dezembro a março, Henrique Leis serve um “menu-degustação” de trufas de Périgord, com sete itens.

As sobremesas – pera cozida numa calda de lavanda e açafrão de Valência... e o tomatechocolate – alfarroba “very Henrique Leis” – preparações barrocas, de apresentação feérica e cores, aromas e sabores em que os contrastes se harmonizam, mostram que Henrique Leis deve retirar um grande prazer pessoal da respectiva confecção.

A carta de vinhos, onde se encontram os melhores de Portugal e alguns bons da França, está bem. O café é de qualidade, as capas dos cardápios (ou ementas, como são chamados pelos portugueses) revelam que o cozinheiro é também um pintor inspirado e o serviço preocupa-se em, além de eficiente, ser simpático.

Em 2019, Henrique Leis decidiu renunciar a sua Estrela Michelin mantendo, no entanto, a qualidade dos seus produtos, as cores vibrantes nos pratos, a sua visão, criatividade e extraordinário rigor que sempre o destacaram. Intimamente cosmopolita, sincera, contemporânea e sem nostalgia, procura exercer a sua liberdade sem esquecer os valores de base, como o respeito pelo produto, seja ele nobre ou menos nobre. Uma cozinha que exalta a elegância e a importância dos pormenores.

Henrique Leis chegou a Portugal, para trabalhar na Quinta do Lago. Reconhece, na sua formação, a influência do grande chefe de cozinha francês Paul Bocuse, um dos nomes mais destacados da “nouvelle cuisine”, que nos anos 70 do século passado, partindo da França, revolucionou a culinária mundial. Henrique Leis conheceu Paul Bocuse no Rio de Janeiro, quando ele deu um curso no hotel Meridien, onde atuou durante algum tempo, e estagiou no célebre restaurante do chefe francês em Lyon. Regressou ao Rio de Janeiro, fundou o restaurante Prê-Catalan, que se tornou numa referência da cozinha brasileira. Aí conheceu Claude Troisgros, de um muito célebre restaurante em Roanne (França), o Troisgros. O conhecimento transformou-se em amizade, alargou-se à família Troisgros, que Henrique Leis continua a visitar.

Após quatro anos na Quinta do Lago, Henrique Leis decidiu-se pela fundação do seu próprio restaurante. Não tardou muito e ele recebeu com alegria a informação de ter sido distinguido com uma estrela pelo “Guia Vermelho Michelin”. Tal significa que os inspetores do influentíssimo guia reconheceram que o restaurante tem “uma muito boa mesa na sua categoria”. A apreciação segue-se a seguinte explicação: “A estrela marca uma boa etapa no seu itinerário. Mas não compare a estrela de um estabelecimento de luxo com preços elevados com a estrela de uma casa mais simples onde, com preços razoáveis, se serve também uma cozinha de qualidade”.

Quanto ao seu trabalho, Henrique Leis afirma: “Hoje em dia faço a minha cozinha, que procuro modernizar constantemente, mas sem fugir do clássico”. Marcos a destacar na sua arte: as sobremesas, onde é reconhecível uma grande dose de fantasia e segurança de confecção, bem como a influência de Gaston Lenôtre, por Leis considerado “o chefe dos chefes pasteleiros”, com quem trabalhou no Prê-Catalan; e o “menu-degustação” de trufas do Périgord, que serve anualmente entre os meses de dezembro e março, a melhor época para se comer o “diamante negro” da cozinha da França.



Vista panorâmica do estrelado restaurante Henrique Leis, em Al Mancil (Portugal)



Os poetas Marly de Oliveira e João Cabral de Melo Neto

DESCOBRINDO MARLY DE OLIVEIRA

Em belo artigo publicado na imprensa portuguesa, o escritor brasileiro Ubiratan Muarrek homenageia a poetisa Marly de Oliveira afirmando que ela “criou obra consistente e coesa, exibindo o domínio da construção poética como um passeio pelos vários estilos, dos populares aos eruditos, em diálogo com mestres do passado e do seu tempo”.

Assim como aconteceu com Muarrek, também conheci a poesia de Marly de Oliveira em algum momento dos anos 1990, atraído pelo fato de ela ser mulher do grande poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto.

Aliás, não se é poeta e mulher de João Cabral impunemente – e essa continua sendo uma das principais informações que encontramos sobre Marly, como atesta a página dedicada a ela na Wikipedia.

Por ali, sabemos que ela nasceu em 1938, em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, e morreu em 2007, no Rio de Janeiro; que foi expoente da terceira geração do modernismo brasileiro; que foi casada (ei-lo) com João Cabral de Melo Neto, “membro da Academia Brasileira de Letras”; que foi professora de língua e literatura italiana e de literatura hispano-americana; que publicou 17 livros, entre 1957 e 2000; que venceu, em 1998, o Prêmio Jabuti com O mar de permoio.

Ocorre que o que temos para hoje é muito pouco, um quase-nada diante de um corpo de poesia que é um continente da língua portuguesa, cuja espantosa formulação poética é proporcional ao desconhecimento que ainda perdura sobre a autora e sua obra.

Fui descobrir de fato Marly de Oliveira – ou seja, mergulhar em sua poética – recentemente, em Portugal, onde sempre se descobre alguma coisa. Foi a figura singular do diplomata Lauro Moreira, primeiro marido de Marly, ex-embaixador do Brasil no país, e incansável divulgador (e sublime declamador) da sua poesia, que me descortinou a extensão, digamos, oceânica e o elemento vulcânico da sua obra.

“Há um pânico de rosas/ na bravura do horizonte”, escreveu Marly em seu assombroso livro de estreia, Cerco da primavera (1957), verso que denota a urgência contemporânea que senti ao descobri-la.

Marly dominou parte significativa do repertório da poesia ocidental. Encantou, desde os primeiros versos, alguns dos maiores mestres da língua. Na Itália, Ungaretti ficou impressionado com os poemas em italiano da jovem estudante brasileira que aportou por lá.

A poetisa criou um corpo de obra consistente e coeso, em que exhibe seu domínio como um passeio pelos estilos poéticos, dos populares aos eruditos. Constrói e desconstrói estrofes e sonetos, transita livremente

entre versos brancos, rimados, livres, soltos, encadeados, redondilhas e decassílabos.

Dialoga com mestres do passado (como Dante e Camões) e do seu tempo (Cecília, Vinícius... João Cabral, inescapável), revisitando-se em seu fazer poético dentro do próprio poema – prefere os poemas longos, e chegou a reescrever alguns deles no fabuloso Retrato (1986). Instaura, assim, um tempo próprio. Ou um mito.

“Marly ousa a Grande Arte, que é sempre forma e linguagem, como maneira de se estar – e tentar decifrar – o mundo, e faz desse projeto não uma certeza, mas uma dúvida: uma construção paulatina, verso a verso, percorrendo e refletindo sobre a experiência humana. Sua poesia jamais é sobre isso ou aquilo; mesmo quando fala da natureza, do amor e da paixão, sua poesia é a do pensamento, da indagação permanente, da tentativa de abarcar os vários tempos que o mesmo tempo forja, o abranger sucessivo das coisas, como escreve em Contato (1975)”, pontua Ubiratan.

“É inevitável debruçar-se sobre Marly de Oliveira – e sobre a condição feminina de uma autora tão universal e tão vasta. E aí revela-se uma sequência de problemas. Teria a sombra de João Cabral – e do panteão misógino modernista, nosso conhecido – ofuscado o talento e a força de Marly? Uma poesia dessa magnitude – que Antônio Houaiss chamou de “estado único na língua” – seria apenas do “maior nome feminino da poesia em língua portuguesa”, como quis o crítico Pedro Lyra? Quando se é a maior poeta de uma literatura, isso inclui os poetas? Mulheres que leem mulheres – por que não estão lendo Marly?” – pergunta Muarrek.

Uma de suas amigas íntimas e madrinha de seu primeiro casamento (e escritora tão grande quanto ela), Clarice Lispector já alertara sobre a timidez quase ultrajante de Marly. A Clarice, Marly dedicou A suave pantera, exercício sensualíssimo – e intelectualíssimo – de poesia que lhe valeu, logo neste terceiro livro, prêmio da Academia Brasileira de Letras.

Há rumores de que a Record irá republicar sua obra completa nos próximos anos, dois volumes por ano (indaga-se por que não de uma vez, em uma caixa cheia de brilho, com a Rocco fez com Clarice Lispector; talvez espere o sucesso de Marly no Instagram).

Então, ainda que aos poucos, livro a livro, ao invés de respostas a perguntas vãs, diante de uma autora cuja poesia será sempre vertigem e enigma, leitoras e leitores poderão se deparar com versos que não revelam, mas denunciam Marly de Oliveira:

“(...) mais que uma pessoa, poderosa e bela: macia, macia, esplêndida fera.”
(A Suave Pantera, 1962).



O escritor e jornalista Ubiratan Muarrek homenageia a poetisa Marly de Oliveira na imprensa de Portugal



Vista da Praça João Lisboa no século passado

O tempo não passa

Sou do tempo em que a cidade se encontrava na Praça João Lisboa. Havia, logo no seu vestibulo, o "Sertã" – misto de café, bar e lanches rápidos, hoje transformado em ruínas. Na seqüência, perfilavam-se outras "salas-de-estar" da cidade: o bar do Gago, o Moto Bar, com suas mesas em mármore Carrara, a barbearia "Salão Pompeu", a alfaiataria do Chico Santos, a Fonte Maravilhosa, os dois abrigos – o Velho e o Novo, o restaurante da sede social do Lítro e o "Senadinho", cuja sede era um banco da praça onde fofoqueiros ilustres se reuniam à noite para passar a cidade a limpo.

Quem não passasse para um dedo de prosa nesse perímetro, das duas uma: ou já havia embarcado para "São Pedro", com escala em São Paulo, ou não era um são-luicense genuíno.

É preciso ter pelo menos meio século de vida para se descobrir numa cidade sem rosto. Hoje, ali na esquina da Rua do Sol com a Rua do Egito, o nativo bem que poderia repetir Henry James, o romancista nova-iorquino, que também testemunhou a metamorfose de sua aldeia, ao ponto de não reconhecê-la mais: – É um melting pot – lamentou, querendo dizer, "é uma geléia geral"...

O rosto mais conhecido que pude identificar em meu último passeio pelo quarteirão foi o do "Sr. Inconsciente Coletivo". Uma síntese de várias gerações, empilhadas umas sobre as outras – um rosto "impessoal", perdoado o paradoxo.

O Inconsciente Coletivo é a prateleira de tipos populares que, um dia, decorou o lugar. É o acúmulo de conversas, piadas, causos, opiniões, gargalhadas, lamentações ou euforias – é o museu vivo de um cotidiano armazenado há séculos, desde os tempos em que as ruas da cidade eram batizadas com "nomes" mais poéticos e menos untuosos.

Nunca canso de me repetir. Sábios foram os portugueses "alfacinhas", lisboetas natos, que deram nomes simples e pitorescos às ruas de sua bela cidade. Nomes simples, sonantes, encantadores, ditados pelo "Inconsciente Coletivo", a verdadeira alma do povo.

Até hoje vigoram na "velha cidade" à beira Tejo os nomes cintilantes e imaginosos. Rua da Alegria. Travessa da Glória. Rua da Paz. Rua dos Fanqueiros. Rua do Salitre. Rua dos Cordoeiros. Travessa do Quebra-Pentes. E assim foi até que os espelhos de Lisboa passassem a refletir o ego do Marquês de Pombal. Aí, tudo passou a ser "pombalino" na Lisboa dos pregões seculares.

Mas voltemos ao Centro Histórico de São Luís. O calçadão é uma colmeia fervente, todos se cruzam e ninguém se cumprimenta. A aldeia perdeu o próprio rosto. Só é reconhecível pelo "Sr. Inconsciente".

É dele que ouço outras reminiscências. Aqui também as famílias moravam em ruas de nomes amáveis e naturais. Os bairros se chamavam Areal, Jordoa, Cavaco, Madre Deus, Desterro, Cambaia, Fé em Deus, Turu, Olho d'Água, Anil.

Nossa rua principal mudou o nome para Oswaldo Cruz. Mas a voz do povo nunca deixou de chamá-la Rua Grande. Tal e qual a Rua do Sol, Rua da Paz, Rua dos Afogados, Rua da Inveja, Rua do Passeio, Rua de Santana, Rua do Norte, etc. Nomes que valorizavam uma paisagem ou um sentimento. E evitavam o "puxa-saquismo" explícito.

O TEMPO CERTO

Crônica que usar a data como tema corre o risco de se repetir no ano seguinte. Natal, Mães, Índio, Tiradentes, Páscoa: a sucessão de efemérides exauriu a capacidade de invenção de alguns autores, que agora fogem do chamado "gancho", num movimento libertário ainda não reconhecido.

Eles se opõem à catilinária dos catequistas, que a cada marca do tempo despejam a sabedoria de ocasião.

É bem melhor falar de peixes quando há deserto, ou de vulcões quando dá praia. Os escribas insurretos não se confundem, porém, com os repetitivos anticlericais que acabam comendo carne no dia da Paixão, pois esse gesto é tão batido que já foi absorvido. Preferem algo mais radical, como esquecer o Dia do Jornalista para falar de algo mais profundo, como a perda do jogo de botões na mudança da família para a Capital.

Lá ficaram os craques de plásticos jogados num canto, sendo varridos pelos novos donos, indiferentes como carros de passeio passando rapidamente por vendedores de frutas na beira de uma estrada remota.

Quem irá recolher o tabuleiro abandonado de um jogo milenar de damas, que pertenceu aos ancestrais vindos da Ucrânia, depois que

completamos os 18 anos regulamentares e sumimos para sempre na voragem da vida adulta?

Esses são os temas que ocupam os escrevinhadores avessos aos desfiles e procições. Eles contam outras histórias que passam ao largo de avenidas engalanadas e passeatas comemorativas.

A realidade não é o marketing da notícia, o tempo certo de criar ou chorar. Há uma quarta-feira de cinzas nas férias de verão desses implicantes batucadores de teclados. Há uma ascensão solar na madrugada de veludo dos inspirados letristas fora da vida social.

Eles vivem no ermo absoluto, lá onde o arco-íris se refaz da sua arquitetura de abóbadas.

São os pintores de néon que fecham a aliança entre as pessoas e seus designios e memórias. Possuem chaveiros confusos, bolsas que jamais abrem, meias de tamanhos diversos que nunca formam par. Eles se espantam com os pássaros quando todos estão atentos aos discursos.

Colecionam abraços quando há atropelo. E jogam a isca para o amor, arisco por entre as gentes.

Alguém há de cair enredado por essa mística.

Eles possuem o tempo certo que escapa ao calendário.



Robert Prevost saudando os fiéis ao ser proclamado Papa Leão XIV

PAPA LEÃO XIV PREGA HUMILDADE E VOTO PELOS POBRES

A eleição de Francisco e agora de Leão XIV parece indicar um lento retorno da cúpula católica aos primórdios de humildade e voto pelos pobres pregados pelo cristianismo original.

Muita gente desconhece, mas o celibato (veto ao casamento e/ou às relações sexuais) nem sempre foi regra na Igreja Católica. Ele não é um sacramento (algo imutável, nascido com o cristianismo), e, sim, um dogma (uma tradição). Que pode ser abolido em algum momento, caso os cardeais se reúnam e assim o decidam.

Assim como a castidade é um costume, mas não é obrigação eterna para os sacerdotes católicos, a humildade e a paz pregadas pelo cristianismo tampouco são características imutáveis e históricas dos papas.

O papa Rodrigo Borgia, por exemplo, estava longe de ser casto e humilde. Nascido espanhol (como Rodrigo de Borja), naturalizado italiano, ele foi ordenado padre, bispo e cardeal entre 1440 e 1456 e virou generalíssimo das tropas papais na guerra contra muçulmanos. Teve uma vida de riqueza e opulência raras entre seus contemporâneos.

Oriundo de uma família de empresários, ajudou a armar expedições para rechaçar os árabes da Espanha e, em meio a diversas conspirações no Vaticano, foi eleito papa em 1492, com o nome de Alexandre VI. Este foi o ano da definitiva expulsão dos mouros das terras espanholas.

Rodrigo Borgia não só era rico e empreendedor de guerras, mas também um homem de muitas mulheres. Tanto que teve oito filhos, quatro deles legitimamente registrados. Dos quatro legitimados, dois ficaram famosos: Cesar Borgia (um nobre célebre e guerreiro, que morreu assassinado) e Lucrecia Borgia, que colecionou maridos, foi suspeita de diversos assassinatos e chegou a ser chamada de "Papisa" por ter governado por algumas semanas o Vaticano durante uma viagem do seu pai, o papa Alexandre VI.

Como se vê, papas casavam, guerreavam e enriqueciam durante a Idade Média. Era um tempo em que a Igreja Católica era vista como um império a ditar as regras em toda a Europa, em que padres figuravam entre os raros alfabetizados e em que se vendiam indulgências (absolvição dos pecados para conquistar um lugar no Céu). Algo bem diferente do cristianismo voltado aos pobres, pregado por Jesus de Nazaré. Isso mais entre a cúpula católica, porque alguns frades medievais renunciavam à riqueza para cuidar dos miseráveis, como fez São Francisco de Assis.

A reviravolta da Igreja Católica

A Igreja Católica da virada do século XX para o XXI parece gradualmente inclinada a um retorno na opção pelos



O novo Papa com o seu antecessor, Papa Francisco

pobres.

O papa João Paulo II celebrizou-se por quebrar o isolamento do Vaticano, viajando e popularizando o catolicismo mundo afora.

Bento XVI governou de forma tradicional, mas em seguida veio o argentino Francisco, que além de globetrotter, pregou pelos miseráveis, pela bênção aos divorciados e pela aceitação da união entre pessoas do mesmo sexo.

Mudanças e tanto para a instituição de 2 mil anos que ele liderava.

O novo papa

Uma ligeira espida no currículo do norte-americano Robert Prevost, eleito papa no dia 8 de maio sob o nome de Leão XIV, mostra um homem com opção pelos pobres (seguidor de Francisco), com a maior parte da vida religiosa passada num país periférico, o Peru. Só que um pouco mais conservador que seu antecessor nos quesitos de sexualidade.

Ao menos Leão XIV não ostenta no currículo um discurso bélico e de endeusamento da riqueza, o que já o aproxima um pouco mais dos ideais de Jesus Cristo.

Posicionamento político

Robert Prevost é de esquerda ou de direita? As redes sociais não deixam claro isso. Porém, em 2015, ele compartilhou uma frase do cardeal Francis George, então falecido, que dá uma orientação sobre seu pensamento.

"Na Igreja hoje, há vozes à esquerda que se ressentem dos ensinamentos da Igreja sobre muitas questões, particularmente a moralidade sexual, e, portanto, se ressentem dos bispos que os defendem. Há vozes à direita que dizem que abraçam os ensinamentos, mas se ressentem dos bispos que não governam a Igreja exatamente como eles dizem que os bispos deveriam. Mas a natureza do episcopado é ser livre para agir em nome de Cristo como pastores da Igreja. Os bispos não podem ser cooptados pela autoridade estatal ou pelo poder político, nem por grupos de pressão dentro da Igreja, para que não fracassem em seu ofício", disse Francis George na frase compartilhada pelo então arcebispo Prevost.

Considerado um reformista, o novo Papa demonstra proximidade com a linha de abertura e renovação eclesial implementada por Francisco, indicando a continuidade desse projeto de transformação na Igreja Católica.



O ex-presidente José Sarney sendo recebido na Casa da Indústria Albano Franco pelo vice-presidente (E) Claudio Azevedo e o presidente da Fiemma, Edilson Baldez das Neves



Sarney entre a des^a do Trabalho, Márcia Andréa Farias, a presidente da ALEMA, dep. Iracema Vale, o governador Carlos Brandão, Edilson Baldez, Claudio Azevedo e Des. Paulo Velten Pereira

BELA FESTA DA FIEMA EM HOMENAGEM A JOSÉ SARNEY

Com uma tarde que reuniu autoridades dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de representantes da indústria, empresários, lideranças políticas, culturais e acadêmicas, a Federação das Indústrias do Maranhão (Fiema) realizou, no dia 5 de maio, uma concorrida cerimônia na Casa da Indústria Albano Franco, em homenagem ao ex-presidente da República e ex-governador do Maranhão, José Sarney, por sua contribuição à redemocratização do Brasil e ao desenvolvimento político e industrial deste estado.

O presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves, destacou em seu discurso o papel de Sarney como humanista, político e intelectual. "É um privilégio especial esta reunião em nossa Casa da Indústria para homenagear um grande humanista que dedicou sua vida à política, ao mundo intelectual e à defesa da democracia", afirmou. E completou: "Neste ato solene, a Federação das Indústrias do Maranhão presta justa homenagem ao político e intelectual que tem o talento de observar e analisar as situações políticas com uma visão profunda e perspicaz".

A homenagem ocorreu em um ano simbólico: 2025 marca os 40 anos da redemocratização brasileira, processo no qual José Sarney teve papel central, ao assumir a Presidência da República em 1985, após a morte de Tancredo Neves, e liderar a transição do regime militar para a democracia.

Em sua fala, Sarney expressou agradecimento ao reconhecimento recebido. "A gratidão é a memória do coração. Então aqui eu quero expressar a minha gratidão e a memória do meu coração a essa solenidade, tanto de honra como, ao mesmo tempo, de alegria", afirmou.

Ele também lembrou sua atuação no período da transição política nacional:

"Uma contribuição muito grande na transição democrática, uma vez que as nossas duas diretrizes foram reforçadas por elas: que a transição seria feita com e não contra as Forças Armadas, e que meu dever, como comandante-chefe delas, era zelar por isso e não deixar que a transição fosse feita com nenhum propósito de vingança, nem nenhum propósito de cobrar deles".

Sarney também expressou admiração pelos investimentos do Sistema Fiema na área de educação, com destaque para a robótica educacional do SESI-MA. "A educação é, sem dúvida alguma, o setor mais importante em que se pode fazer e que se deve fazer investimentos", declarou Sarney. Que enfatizou a importância da inovação para o desenvolvimento do Maranhão, ressaltando que "a inovação pode ser feita também com economias pequenas", e que esse é o caminho que todos os setores devem seguir.

O governador Carlos Brandão, que participou da solenidade, ressaltou a importância do homenageado para a história política do país. "A história do Brasil e do Maranhão deve muito à figura de José Sarney. Ele é parte viva da redemocratização, da cultura e do desenvolvimento do estado".

A cerimônia contou com atrações culturais que marcaram a trajetória artística do homenageado. A abertura foi feita pelo violonista clássico João Pedro Borges, conhecido como "Senhor", que interpretou o Prelúdio nº 1, de Heitor Villa-Lobos. Em seguida, o professor e poeta William Amorim fez uma leitura dramática dos poemas Homilia do Juízo Final e Canção maior para Roseana, de autoria de Sarney. A programação também incluiu uma exposição montada no hall da Fiema com obras do acervo pessoal do ex-presidente, cedidas pela Fundação da Memória Republicana Brasileira.



O ex-presidente José Sarney e o governador Carlos Brandão



Claudio Azevedo e Edilson Baldez ladeiam o homenageado José Sarney



O ex-presidente José Sarney e o ex-governador José Reinaldo Tavares



Luiz Fernando Renner (Fiema) e Maurício Feijó (Fecomércio-MA) e José Sarney



Pedro Robson Holanda e Fernando Sarney



O homenageado José Sarney com o violonista João Pedro Borges (o Sinhô) e esposa Maria de Fátima Borges



Capitão dos Portos, Ademar Augusto Simões Júnior, Maurício Feijó e Manoel Barbosa (respectivamente presidente e vice-presidente da Fecomércio-MA) e o Comandante João Carlos Duque (do 24º BIS)



Fábio Nahuz, Daniela Aquino com o ex-presidente Sarney



Presidente do Sebrae-MA, Celso Gonçalves de Sousa, e o empresário José Augusto Murad Duailibe



Albertino Leal de Barros Filho, José Augusto Murad Duailibe e Luís Fernando Silva



O presidente do Conselho da FMRB, Eliézer Moreira Filho, e o ex-senador e atual vereador João Alberto de Souza



Denise e o des. Federal, James Magno Araújo Farias, com o diretor regional do Senac, José Ahirton Lopes



Na principal mesa: ex-governador José Reinaldo Tavares, o Repórter PH, deputada Iracema Vale, des^a Márcia Andréa Farias e Pedro Robson Holanda; à direita, Fernando Sarney, Claudio Azevedo, ex-presidente José Sarney, Edilson Baldez e Kécio Rabelo



O ex-presidente José Sarney com os deputados Ariston Ribeiro, Davi Brandão, Arnaldo Melo e Iracema Vale, a des^a Márcia Andréa Farias e o presidente da Fiemma, Edilson Baldez

Fotos/Divulgação/Herbert Alves/Nestor Bezerra



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes com Claudio Azevedo, ex-presidente Sarney e Edilson Baldez das Neves

Desembargadora Oriana Gomes, ex-presidente José Sarney, médica Socorro Bispo e Edilson Baldez



O ex-presidente José Sarney entre o governador Carlos Brandão, Edilson Baldez e Claudio Azevedo



José Carlos Salgueiro com o homenageado



O ex-governador José Reinaldo Tavares, o Repórter PH, deputada Iracema Vale e desª Márcia Andréa Farias



Fábio Nahuz, Daniela Aquino, Albertino Leal de Barros Filho, José Augusto Murad Duailibe, Luiz Fernando Silva e o presidente da Mapa, Cassiano Pereira Junior



Manoel Barbosa e o ex-presidente Sarney



Iracema Vale, Marcia Andreas Farias e João Albeto de Souza



Kécio Rabelo, Eliézer Moreira Filho, José Sarney e Pedro Robson Holanda



O poeta William Amorim declamando poemas de Sarney



O Repórter PH com Regiane e Sebastião Madeira



Benedito Mendes, João Alberto de Souza, desª Oriana Gomes, Jurandy Leite e Fábio Braga



Rachel Miranda Jordão



O ex-presidente José Sarney entre Nazareth e Jurandy Leite



José Augusto Murad Duailibe e o homenageado José Sarney



Deputado Arnaldo Melo e José Sarney



Benedito Buzar, Edilson Baltez, e o ex-presidente Sarney



O ex-presidente José Sarney fazendo seu discurso de agradecimento pela homenagem recebida



O presidente da Fiema, Edilson Baldez das Neves saudando o homenageado José Sarney



Claudio Azevedo e a esposa Ana Izabel Fernandes



Leonor Carvalho, José Ahirton Lopes e James Magno Araújo Farias



Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, Luiz Fernando Moura da Silva, Luiz Fernando Renner, Claudio Azevedo e José Domingues Neto



Empresários José Carlos Salgueiro e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



Governador Carlos Brandão, Edilson Baldez e Des. Paulo César Velten Pereira



José Ahirton Lopes e o deputado Arnaldo Melo



Deputado Davi Brandão, Maurício Feijó, deputada Iracema Vale e o superintendente da Fiema, César Miranda



O ex-presidente Sarney com a família de Edilson Baldez: a neta, duas filhas e o genro Celso Gonçalves



José Reinaldo Tavares, José Carlos Salgueiro e o Repórter PH



José Ahirton Lopes, Albertino Leal de Barros Filho, Pedro Robson Holanda da Costa e James Magno Araújo Farias



Deputada Iracema Vale e desembargadora Oriana Gomes

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Os DJs veteranos da Boate Genesis: Álvaro Carneiro, Ricardo Pacífico, Salim Lauande Jr., Walter Junior, João Marcelo Sá e Arsênio Pacífico



Gustavo Gomes Sophia Valença, Etevaldo Júnior, Suzana Carneiro, Ricardo Carneiro, Cinthya Carneiro, Charles Bahia, Luciana Vasconcelos, Janaína Fonseca e Gustavo Fonseca

NOS TEMPOS DA BOATE GENESIS

Há 39 anos a Boate Genesis permanece no imaginário dos amantes da era disco. Pilotada em seus primeiros anos pelos Djs Álvaro Carneiro, Ricardo Pacífico, Salim Lauande Jr., Walter Junior, João Marcelo Sá e Arsênio Pacífico, entre outros, a casa é sempre lembrada com promoções que recordam as noitadas embaladas pelas músicas que marcaram as pistas de dança dos anos 70, 80, 90 do século passado e os

primeiros anos do novo milênio.

A mais recente concentração para relembrar esses bons velhos tempos da Genesis foi realizada no sábado passado e reuniu centenas de antigos frequentadores da casa mais icônica da noite maranhense e gente mais jovem que entra no clima de uma época de ouro da dance music.

O resultado foi uma noitada das mais alegres que juntou na pista de dança gente de todas as idades atraída por sucessos que nunca perdem a atualidade.



Salim Lauande Junior de frente para a pista de dança, relembrando os bons tempos da Gênesis



João Marcelo Sá e Milena Adler



Raquel Belo e Zequinha Mendes



Diogenes Nascimento e Carla com Rosa e Edilson Faro



Analice Mendes e Marconi Mendes



Wal Oliveira e Karine Baldez



Paulo Moraes Rego e Elvira Fecury com Andréa Matos e Jean Gonçalves Gomes



Sâmara Braúna e Selmha



Priscila e Daniel Blume de Almeida



Diana Duailibe, Elizabeth Rodrigues e Carol Sá



Gustavo Mamede, Daniel Blume e Bruno Díaz



Álvaro Carneiro e Teresa Marques



Grupo jovem dos mais animados da noite



Milena Adler com João Marcelo Sá e sua irmã Carol



O famoso artista Mondego, que agora assina Conde Mondego



O presidente da FMRB, Kécio Rabelo e Maria de Fátima Frota fazem a entrega dos prêmios aos vitoriosos Dinho Araújo, Silvana Mendes e Tácio Aires



Chegando para ver a mostra, Carmen Lúcia Freire Ferreira e sua sobrinha Aline Juliano ao lado de Carla e Pedro Salgueiro e José Carlos Salgueiro

ARTE MARANHENSE NO CONVENTO

O Convento das Mercês, sede da Fundação da Memória Republicana Brasileira, que guarda um imenso acervo doado pelo ex-Presidente da República José Sarney, realizou na noite da última quinta-feira (07) a abertura de um dos eventos mais aguardados do calendário cultural maranhense: o Salão de Arte da Coletiva de Maio 2025.

A exposição reúne 50 obras de artistas maranhenses e residentes no estado, escolhidas a partir de uma seleção realizada por uma Comissão Curatorial Julgadora composta por Rosilan Garrido, do Maranhão, e Pollyanna Quintella, de São Paulo.

Em sua edição de 2025, a Coletiva de Maio destaca a diversidade de linguagens, estéticas e discursos presentes

nas artes visuais contemporâneas, oferecendo ao público uma experiência imersiva entre formas, cores, memórias e reflexões sociais.

Para essa edição, as modalidades contempladas incluem pintura, desenho, gravura, colagem, fotografia, escultura, vídeo, performance e grafite.

Além de expor os trabalhos, o evento premiou os três primeiros colocados e ofereceu ao primeiro colocado uma residência artística no Sertão Negro Ateliê, em Goiânia, ação que reforça o compromisso da Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB) com a promoção de intercâmbios e a ampliação das oportunidades para os artistas da região.

Foram contemplados os artistas Dinho Araújo, em primeiro lugar com a obra Mabiras; Silvana Mendes, em segundo lugar com Oferenda e Tácio Aires, em terceiro lugar com Registro Geral. Vale destacar que os participantes terão ainda suas criações incluídas em um catálogo oficial da exposição e receberão certificados de participação.

A Coletiva integra um conjunto de ações que envolvem formação, fomento e visibilidade para as artes, posicionando-se como uma plataforma estratégica de difusão e diálogo entre artistas, curadores, pesquisadores e o grande público.

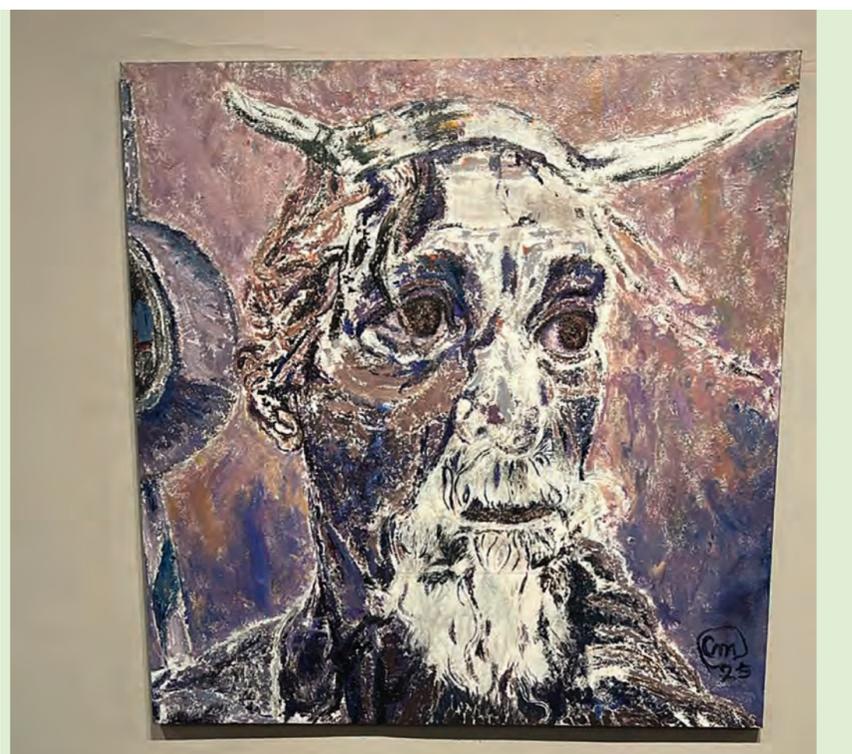
A mostra segue aberta à visitação até o dia 7 de julho, com entrada gratuita.



Rodrigo Klamt Motta com seu pai, Fernando Motta



O Repórter PH com o artista Fábio Vidotti



Uma das obras mais impactantes e elogiadas da noite: Auto-Retrato, do Conde Mondego



O Repórter PH com o Conde Mondego



A obra Mabiras, de Dinho Araújo, que conquistou o primeiro lugar



Maurício Feijó ao lado da tela Natureza Quente, de Fernando Motta

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

 _evandrojr
 @evandrojr



Começo do Caminho, saindo de Vigo com destino à Redondela



Chegando em Vilanova de Arousa (etapa 7)



Viviane passeia pelos telhados da Catedral de Santiago de Compostela



Viviane e Virgínia Fontenelle na Praça do Obradoiro, em frente à Catedral de Santiago de Compostela

Viviane e Virgínia Fontenelle em uma demonstração de fé e paixão pela aventura

A peregrinação mais famosa do mundo continua a atrair muitos brasileiros, incluindo maranhenses. O Caminho de Santiago, como se sabe, é o nome coletivo da rede de diferentes rotas de peregrinação que surgem como afluentes de um rio por toda a Europa, refletindo as origens dos antigos peregrinos e os diferentes caminhos que percorreram em direção a Santiago de Compostela.

Sem dúvida alguma, é uma experiência única de caminhada, reflexão, oração, aventura e autodescobrimento. E foi assim para a delegada Viviane Fontenelle. Recentemente, na companhia da irmã, Virgínia Fontenelle Freitas, ela fez o Caminho Português da Costa com a Variante Espiritual, numa jornada que durou dez dias. Ano passado, a dupla experimentou o Caminho Português Central, partindo de Porto.

Desta vez, Viviane e Virgínia partiram de Vigo, cidade na costa noroeste da Espanha, até Santiago de Compostela, ao noroeste, passando pela costa peninsular galega, entre desafios físicos e espirituais.

“Escolhemos viver esse Caminho com presença e entrega. Rimos, choramos, silenciamos. Nos perdemos e nos reencontramos. Compartilhamos o pão, o vinho, a estrada. Tivemos medo, força, cansaço e fé”, escreveu a delegada em suas redes sociais.

A Variante Espiritual, nome dado à rota que conecta o Caminho Português com a Rota Traslatio (tanto na sua versão da Costa como na do Centro), foi, na opinião das duas, um presente, pois o cenário era deslumbrante, com rios, montanhas e bucólicos bosques ao longo do caminho.

“Chegar a Santiago é sempre um renascimento. E, desta vez, mais uma vez juntas, carregamos não apenas a concha e as credenciais, mas, também, memórias eternas”, frisou a delegada.

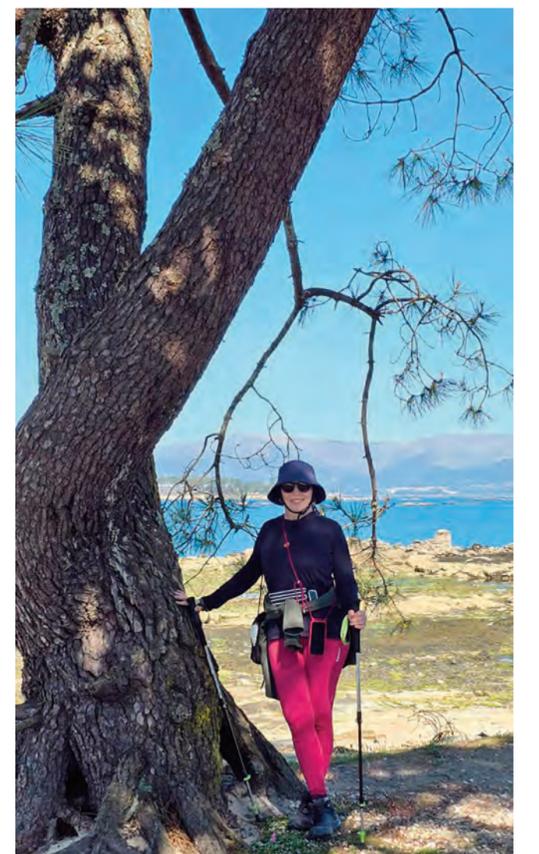
O Caminho terminou no dia 30 de abril e elas seguiram para Madri e, depois, para o sul da Espanha. Passaram por Sevilla, Ronda e Málaga, onde comemoram o aniversário de Viviane (07/05). De lá, seguiram viagem para Granada, Valência e Barcelona. No próximo dia 13, embarcarão para Split, na Croácia, onde experimentarão a sensação de velejar pelo Mar Adriático ao longo de 7 dias.

Irmandade Peregrina

A paixão por essas viagens fez com que Viviane e Virgínia criassem um perfil no Instagram, que batizaram de Irmandade Peregrina. A ideia é dividir essas experiências com as seguidoras e, quem sabe, reunir mais peregrinas em jornadas futuras.



Etapa 6, entre Armenteira e a Ponte Arnelas



Etapa 7, Vilanova de Arousa

Fotos/Divulgação